

Sancti Benedicti Monasterium

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO I.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 2000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 38.

## NOTÍCIAS DA PACOTILHA.

MARANHÃO, 27 DE OUTUBRO DE 1872.

E dizem que no Maranhão não ha progresso! Joseph Bona e Domingos Nicola negam-n'o. Como maranhenses, devemos os nossos agradecimentos sinceros á estes dous filhos da terra de Garibaldi. Ao serviço do hospítal publico, que benignamente os acolhe em seu seio, vieram tornar conhecida aqui essa industria, que só podia nascer na Europa. Joseph Bona e Domingos Nicola pedem pois a protecção do publico, e que lhes dê as mãos, dando-lhes os pés, pois são dous engraxadores ambulantes.

—Os leitores vão hoje ao Jardim Botânico(!)?

Os êchos mudos do Jardim vão despertar a som da musica dos Educandos e á vozzeria do janotismo, do bello sexo e dos que concorrerem áquelle *quintal*, com pretensões á *plussio publico!*

Conhece o leitor o jardim? FALLE por nós um poeta, que lhe fez ha tempo a descripção:

.....  
Ao subirdes uma escada,  
onde os marmoreos degrãos  
estão quebrados e miãos,  
encontraes—plantas e cisco;  
canteiros mal cuidados,  
artigas e pega preto,  
e as pobres plantas—não minto,  
sem symetria nem riseo.

A d'reita, em vez de achardes  
algum *Pacilhão de Flora*,  
veréis *alberque*, onde mora  
meia duzia de vel'ranos;  
porém, em vez de enlhardes  
da plantação que se acalha,  
andam á fazer *meassiba*,  
*rassouras*, *cofas* e *abanos!*

## FOLHETIM DO DOMINGO.

O Sr. Cagnard.

(Trad. da *Revue phantastique* de Alfred de Musset.)

Foi na quinta feira passada que o Sr. Cagnard, o homem mais medroso d'este seculo, foi victima de um terrivel embarço.

Elle estava assentado na sala de jantar em frente da cara metade e pensava a fronte na mão, como Agamemnon á condemnar a filha; perto de si tinha dous bilhetes cuidadosamente dobrados, que o seu feroz porteiro acabava de trazer, sorrindo velhacamente. Elle os lia alternadamente e suspirava: «Ah!... o que farei? Eis aqui um aviso para a guarda e um convite para jantar. Ah! e ambos para hoje!

«Se eu fór ao jantar, dir-se-ha em todo o bairro que sou mim o seu chã perfumado; a patria está em perigo; que fatalidade! Como evitar, que meu sargento, que é meu boticario, propale boatos prejudiciaes á minha reputação?

«Se eu fór ao corpo da guarda, o conselheiro tomará sem mim o seu chá perfumado, o vinho espumoso hebe-se em minha ausencia e eu não poderei encostar os cotovellos á forte mesa do conde Walter Puchi!

O conselheiro privado, estou impossibilitado de divertir-me com minhas pilherias e de molliar o bico em recompensa dellas!

Elle abriu um armario e suspendeo em cada mão uma

casaca azul com dragões vermelhas e uma casaca verde-garrufa com botões de prata, segundo a moda. Longo tempo de hesitação se passou, em que elle consultou tres vezes o relógio, ontras tantas chegou á janella e afinal entou com profundo suspiro uma manga da casaca azul.

Em seu desespero, semelhava-se a esse celebre mathematico a quem as cousas celestes fazião esquecer os negócios mundanos e que, tendo-se um dia despido afim de enfiar-se convenientemente para um jantar de e-remonia, esqueceu o mundo no centro do seu toeador, e, não se podendo recordar do motivo que o fazia despir-se, acabou por crer que se ia deitar e metteo-se na cama.

«Não!» gritou de repente o Sr. Cagnard; e de um empurrão fez voltar a seu lugar a casaca patriótica; apertou os cordões das calças justas e poz-se a andar com passo lesto e determinado, fazendo saltar nas pernas as abas graciosas de sua casaca nova.

O Sr. Cagnard mora no Marais; o seu destino era atraz da praça Beauveu, rua des Saussaís; elle girava na ponta dos pés, resolveo a não tomar carruagem.

Na rua de Saint-Antoine encontrou um formidavel grupo de garotos de dose á trese annos que, em numero de vinte, abraçarão a causa do duque de Reichstadt, quebrando por consequencia as vidraças dos confeitores e as lanternas dos vendedores de laranjas.

O Sr. Cagnard vio o perigo que o ameaçava; em vão tentou escapar, passando com cautela por entre as gotteiras; cercarão-n'o com furor, mandando-lhe que gritasse: *Viva Napoleão III!* Fação idsia com que serviçal prestesa o nosso homem vociferou de maneira horrivel, desde que se vio bloqueado.

Assim é tudo cá fora;  
vamos agora lá dentro;  
vereis um tanque no centro,  
onde em vez d'agua, tem pó;  
ao pé do tanque é um poço;  
onde ás vezes tomam banho,  
relaxamento tamanho  
á toda o mundo faz dô!

As poucas arvores que restam  
já flores, fructos não têm,  
aquelles bancos tambem  
sem azulejos estão;  
as roseiras não têm rosas,  
as rosas não têm perfumes;  
em vez de flores, estrumes...!  
Não estamos em Maranhão?...!

Todavia, é muito para louvar ao Exm. Sr. presidente da provincia o desejo que manifesta de divertir o povo. Não é só no Jardim; tambem no Spondre dos Remedios haverá musica aos domingos. A companhia de *bonds*, de que o *Publicador* parece quosse tornou o organo especial, (seja dito de passagem), é quem muito estima semelhantes distrações.

—A festa de S. Francisco de Assis correo quasi em surdina; o povo está farto de festas; de mais á mais o carnaval nocturno que anda agora, não

«Se estes rapazes, pensava elle, descerem a rua de Saint-Antoine, e em poder caminhar entre elles sem me enlamear, é tempo de pôr me á caminhar.»

N'este momento dois bombeiros que vinhão de apagar um incendio de chaminé, dobravão o canto puchando a bomba. Elles erão, ao que parece, bombeiros bem intencionados e amigos da ordem publica, porque, avistando a turba de maltrapilhos furiosos, paravão, e tendõ movido sua machina infernal com uma ligeireza verdadeiramente terrivel, poserão em completa derrota o battalhão que avancava. Os jorros d'agua inundando as ventas aos perturbadores da tranquillidade; reduzirão-nos á lamentoso estado. Quanto ao Sr. Cagnard, zeloso por conservar a virgindade da sua casaca domingueira, consumia-se em vão esforços para recolher-se á uma loja, quando um dos vencedores o agarrou brutalmente pelos seus *botes* delicadamente frisados.

«Senhores, disse elle, sou um pobre velho; os velhacos que me atacamão, desrespeitarão-me; acreditem que em não faço mal á uma moça.»

Com o testimonho de um nreador de jscas, derão-lhe liberdade. Semelhante ao noivo de Leonor, elle resvalava nas pedras com a velocidade dos passaros; o Hotel de Ville, a rua Saint-Martin, a fonte des Innocents passarão como sombras.

Ah! na rua Saint-Honoré, elle cahé no meio de um grupo de obreiros sem trabalho, reunidos á impressores arruinados, que n'essa manhã se haviam declarado por Henrique V; elles occupavão toda a largura da rua e vingavão-se impedindo o transitio.

Um novo grito cheio de condescendencia sahio dos

deixa que as familias se resolvam a sair de suas casas.

Os mascarados mais espirituosos têm apparecido; o espirito delles dá para zombar dos outros; a policia tem sido victima da sua zombaria, a pobre velha não lhe tem podido escapar ao *Ridendo castigat mores!*

Em vez de perguntarem, como na quinquagesima: *Você me conhece?* —, em voz de falsete, dizem: *Dê-me o seu relógio* —, — em voz natural e ameaçadora. *Libera ños Domine!*

—Os burros, tendo recebido ha seis dias o profundo golpe da perda de um dos seus companheiros, que, completando o ultimo dos seus dias, pagou á morte o funesto e inevitavel tributo a que está sujeita a... burridade, convidam o respeitavel publico para representar á municipalidade, á bem da hygiene publica, contra a ideia de enterrarem-n'o junto á fonte das Pedras; tres dias depois de morto, tornando assim prejudicial a agua da fonte infestando os ares etc.

Haja vista o Apicum e o cemiterio dos Passos.

—Como collega e amigo, advertimos ao *pincelista da Brisa*, que trata de reyer melhor as suas *pincladas*. . . Vem eivadas de erros: muitas vezes uma asneira typographica depõe muito contra uma obra; paga o peccador pelo justo, isto é, o autor pelo compositor. *Menas verdade não é lingua de branco.*

polmões do nosso viajante. Conformar-se em tudo ás circumstancias, não contrariar á ninguém, era para elle um principio invariavel; porem d'esse guardas nacionaes descerão de um carro e um d'ellos provou-polidamente áquelles homens que não era conveniente gritar-se de tal modo, e acabou por dar-lhes quaranta soldos para que se calassem.

«Quaranta soldos! reclamarão os revoltosos, quem pensa o Sr. que somos?»

«Pois bem, replicou o guarda, aqui toem tres francos e não fallemos mais n'isso.»

Quando todos se retiravão pacificamente, pela rua de l'Arbre-See, o soldado orador avista o Sr. Cagnard e pergunta-lhe de cheffe:

«Que faz aqui o Sr? Quem é?»

«Senhores, muitas noites passadas no corpo da guarda tem me enfraquecido a ponto que agora me foi impossivel ajudal-os; por esse mesmo motivo podeis vencer-vos que não nos serci bastil. Os artistas que me surprehenderão não podem dizer que sou um dos seus; sou um pacifico cidadão; deixem-me ir jantar a casa do conselheiro na rua dos Sanssaies.»

O guarda sorriu; semelhante á flecha aguda desfechada pelo arco do selvagem, o hosso homem *fendeo* de novo os ares costegando as cascas. As teteias de seu relógio fazião barulho de ensurdecer.

(Continúa.)

Augusto Gabriel.

Um amante da ordem, do aceio e da municipalidade, mandou-nos a seguinte:

ESTATISTICA DA CIDADE EM UMA DAS NOITES DA SEMANA PASSADA:

A iluminação da cidade conservou-se... nos lampões cheios de poeira e de luz... moribunda.

Morreram as rezas de costume: boa carne! boa carne...!

Duas patrulhas de cães rondaram a primeira da noite. Duas ditas de gatos a segunda.

Foram presas uma cabra e um bode por encommodarem a população alta noite com voserias, e consta que vão ser processados por terem resistido a prisão.

—Terminando, apresentamos aos leitores e leitoras do *Domingo*, do Sr. M. M., a seguinte:

MISSIVA.

Isto que aqui vai dizer,  
Leitores, não são pomadas.  
Eu vos juro, podem erer  
Pelas minhas namoradas.

Fui à festa dos Remédios,  
E por mal dos meus peccados,  
Vi dous cujos namorados  
Que me chamaram a attenção.  
D'uma peipena galante  
Um leão pretencioso  
Estava tão amoroso  
Que parecia um babão.

Na verdade era a bichinha  
Muito catita e de bom gosto,  
Tinha umas sarilas no rosto  
Mas, no mais... era elegante.  
Entregue á mercê dos ventos  
Ella trazia os cabellos  
Em mais de tres mil novellos  
Formando enorme turbante.

O seu vestido da moda  
Consistia n'um só panno.  
(Salvo se eston em engano)  
O que em mim bem pode dar-se  
Sem haver má intenção!  
Mas cruciam por vida minha,  
Que a sua travessa anquinha  
A não deixava assentar-se.

Que coque, leitor, que coque!!  
Dava uns ares de colchão!  
Da cabeça vindo ao chão,  
Inda um pedaço arrastava,  
E de par co'a immensa cauda  
Do seu vestido ennesgado  
Ia dançando o chorado  
Que então o—Quinto—tocava.

E que chapeo que ella tinha!  
Tentador como o diabo!  
Dos taes de apanhar quiabos!  
Capaz de engolir a gente!!!  
Ella então se requibrando  
—Modos de moça faceira—  
Foi dizendo á companheira  
«Andi Nhãnhá p'ra diente.

«D. Lulú já passou  
«De braço com D. Annica...  
«Vámo, Nhãnhá você fica?  
«Poz então eu vou-me já;  
«Quero ver se aquelle moço,  
«Que ali 'stava inda' gorinha,  
«De lunêta e jibatinha,  
«Foi conversar com Sinhá.

Estas phrazes tão mimosas  
No coração do sujeito  
Produzirão igual effeito  
Dê uma canção de *Offenbach*!  
As pernas lhe vacilarão,  
A vista lhe escureceu,  
E por pouco não lhe deu  
De ternuras um ataque.

Porem vencendo o nervoso  
E aproveitando o ensejo,  
A' moça pediu um beijo,  
Que nas festas moda agora  
E' da gente do—nom—rom...  
Julgo que a enja cedia...

Mas visto apparece a tia  
E tál beijo... foi-se embora.

.....!!!

Quem quizer furtar beijocas  
Va ás festas de arraial,  
Porque as moças—são bondosas—  
E os pápis—não fazem mal—!...

EXPEDIENTE.

A redacção manda agradecer á do *Horizonte*, jornal democratico da Bahia, a remessa do seu jornal.

Retribue-lhe.

*O Domingos.*

PALLIDA VIRGEM.

Custa-me muito o pedir-te,  
Pallida virgem dos céos,  
Um volver languido e meigo  
De uns olhos negros, os teus.

Parém não posso ! Fervente,  
A paixão já me domina,  
O amor me impelle a alma,  
E ella á teus pés se inclina.

Deixa que eu hoje me prenda  
Nas tranças dos teus cabellos;  
Que eu veja por ti e' roados  
Os meus continuos anhelos;

Me dá que em fim eu respire  
De teus labios seductores  
Esse nectar que embriaga,  
Como allivio ás minhas dores...

Mas ah! se teu peito é marmore  
E não me prestas ouvido,  
Ao pobre desventurado  
Deixa viver illudido;

Deixa-o eubera, sonhando  
Dizer teu nome querido,  
E em breve o verás nas chammaes,  
Desse amor já consumido.

*Elmano Ricarola.*

#### O derradeiro amor de Byron

(Trancripto).

Et puisque l'oi au tuel l'amour humain s'oublie  
Il est d'une grande âme et heureux destin  
D'espérer comme toi pour fin au divin.  
(M. de Musset).

#### I

N'um d'esses dias em que o Lord errante,  
Besvalando em cochins de seda mole...  
A laureada e pallida caleça,  
Sentia-lhe embalar essa condega,  
Essa languida e bella Guineolo...

#### II

N'uma d'essas manhãs em que Raverna,  
Vaidosa do seu Clôid—peregrino,—  
Sacollindo a pocira dos palacios  
Ao morno vento que lhe vem das Latios  
Amornava-se ao sopro Bysanthino;

#### III

Quando aquella mão regia de Madona  
Tomava aos hombros essa cruz insana...  
E do Giur o lugubre segredo,  
E esse crime indissivel de Mauffredo  
Madornavão aos pés da Italiaña...

#### IV

N'uma dessas manhãs... Emquanto a moça,  
Surrindo-lhe dos bôijos ao resabio,  
Cantava com 'uma ave ou uma creança,  
Ella sentio que um riso de esperança  
Abriu-lha ao amante labio e labio

#### V

A esperança ! A esperança no precito !  
A esperança n'esta alma agonizante !...  
E mais livida e branca do que a cera  
Ella dice a tremer: — «George, eu quizera  
Saber qual seja... a vossa nova amante».

#### VI

— «Como o sabes ?» — «Confesses ?» — «Sim ! Confesso».  
— «E o seu nome...» — «Qu'importa ?» — «Falla, Alteza !»  
— «Que chamma douda teu olhar espalha,  
E's cinnenta ?...» — «Mylord, eu sou a Italia !»  
— «Vingativa ?...» — «Mylord, eu sou Princeza !...»

#### VII

— «Queres saber então qual seja o archanjo  
Que inda veu me enlevar o ser corrupto ?  
O sonho que os cadaveres renova,  
O amor que o Lazaro arrancau da cova,  
O ideal de Satan ?» — «Eu vos escuto !»

#### VIII

— «Olha signora... além d'essas cortinas  
Que vêdes ?...» — «Eu vejo a immensidade !...»  
— «Que vejo... a Grecia... e sobre a plaga errante  
Uma Virgem ebarando...» — «E' vossa amante ?...»  
— «Tu diceste-o, condega !... E' a Liberdade ! ! !»

*Castro Alves.*

#### SONETO.

Adens, ó Pitorneira, em certo o peito  
ao affecto mais vil e mais mullito;  
desgancha esse teu riso contrafeito,  
pois eu tolo não sou, nem sou *palito* !

Se amoroso fallei á teu respeito  
nessas cartinhas que te tenho escripto,  
seja a prova de amor de nullo effeito,  
pois don-te agora o dito por não dito.

De mim quando restar magro esqueleto  
de novo te ahirei men cotação  
sacrificado agora. Eu t'o prometto...

Tu és o que as mulheres todas são...  
te mando de presente este *soneto*,  
e cum este *soneto* o meu perdão.

A. A.

#### AVISO.

As pessoas que, não accitando a assignatura do *Domingo*, quizerem devolve-lo ao editor, podem fazel-o á rua das Viollas n. 58, ou á esta typographia.

Por molestia do nosso amigo Lima Barata, só para o seguinte numero daremos a continuação de *Marieta*, de que é autor.

Maranhão. Typ. do—PAIZ—Impresso por M. F. V. Pires.